

## PROGRAMA

**2 de Dezembro de 1993**

### **Manhã**

10h00 Sessão de Abertura presidida por *Sua Excelência o Presidente da República*.

11h00 Intervalo

11h30 Comunicação sobre **Os Meios de Comunicação Social nas Sociedades Modernas**, por *Daniel Proença de Carvalho*.

Comentadores

*António Barreto*

*José Pacheco Pereira*

Debate

### **Tarde**

15h00 Comunicação sobre **A Educação nos Meios de Comunicação Social**, por *Roberto Carneiro*.

Comentadores

*Emídio Rangel*

*Jorge Wemans*

Debate

**3 de Dezembro de 1993**

**Manhã**

10h00 Comunicação sobre **A Educação e a Europa**, por *José Vidal Beneyto*

Comentadores

*Guilherme d'Oliveira Martins*

*Ricardo Charters d'Azevedo*

Debate

**Tarde**

15h00 Sessão Temática:

**A Educação e o papel da Televisão.**

Moderador

*Armando Rocha Trindade*

Intervenções

*Carlos Pinto Coelho*

*Manuel Pinto*

*Maria Emília Brederode Santos*

*Maria Emília Marques*

*Maria João Avilez*

17h00 Sessão de Encerramento, presidida por *Sua Excelência o Presidente da Assembleia da República*.



## **SESSÃO DE ABERTURA**

**Discurso de Sua Excelência o Presidente do  
Conselho Nacional de Educação**

**Mensagem de Sua Excelência o Presidente da  
República**

**Discurso de Sua Excelência o Secretário de Estado  
dos Ensinos Básico e Secundário**



## **Discurso de Sua Excelência o Presidente do Conselho Nacional de Educação**

Exm<sup>o</sup> Senhor Secretário de Estado dos Ensinos Básico e Secundário

Exm<sup>o</sup> Senhor Presidente da Fundação Gulbenkian

Exm<sup>o</sup> Senhor Secretário-Geral do Conselho Nacional de Educação  
Minhas Senhoras e Meus Senhores

Vamos com esta sessão dar início ao segundo seminário organizado pelo Conselho Nacional de Educação. Fazemo-lo com grande satisfação, porque ao realizar este Seminário de 1993, fomos capazes de cumprir com o que havíamos prometido no final do Seminário de 1992, realizado nesta mesma sala em Novembro do ano passado, ou seja, passar a realizar anualmente um seminário de dois dias sobre temas do mundo da educação e aberto à comunidade educativa.

Como é do conhecimento de todos esta sessão deveria ter tido a presença de S. Ex<sup>a</sup> o Senhor Presidente da República, mas infelizmente razões de saúde levaram a que tal não seja possível. Gostaria no entanto de agradecer ao Senhor Presidente da República a Mensagem que enviou a este seminário e que será lida pelo Senhor Secretário-Geral do Conselho no final desta sessão de abertura, ao mesmo tempo que daqui enviamos ao Senhor Presidente os votos de um rápido restabelecimento.

Permitam-me que cumprimente em primeiro lugar o Senhor Secretário de Estado que aceitou presidir a esta sessão tal como já o havia feito no ano transacto. A sua presença constitui para nós um reconhecimento pelo trabalho que vem sendo realizado pelo Conselho,

ao mesmo tempo que mostra o interesse que lhe merece o tema de fundo escolhido para este seminário. Muito obrigado pela sua presença.

Em segundo lugar dirijo-me a V. Ex<sup>a</sup>, Senhor Presidente da Fundação Gulbenkian, para quem vão os maiores agradecimentos por todo o apoio que mais uma vez nos concedeu para a realização deste Seminário. Permitam-me no entanto que aproveite esta ocasião para publicamente agradecer igualmente a V. Ex<sup>a</sup>, Senhor Reitor Ferrer Correia, a forma como acolheu a proposta que o Conselho apresentou à Fundação relativa ao estudo sobre o analfabetismo funcional em Portugal. Trata-se de um estudo a que o Conselho atribui a maior importância e que, com a participação da Fundação, adquire uma dimensão que muito prestigia a nossa iniciativa.

#### Minhas Senhoras e Meus Senhores

O Conselho Nacional de Educação, nos termos da Lei, é um órgão superior, independente, com funções consultivas, destinado a proporcionar uma larga participação das várias forças sociais, culturais e económicas, na procura de consensos alargados, relativamente à política educativa, e constitui, ainda de acordo com a lei, uma instância que não compete com os órgãos de soberania. Refiro isto porque me parece importante sublinhar, nesta ocasião, que o trabalho que o Conselho tem vindo a realizar e que continuará a efectuar enquanto eu tiver as responsabilidades que tenho, deve ser entendido exactamente dentro do espírito com que o Conselho foi criado e que eu acabei de sintetizar. O Conselho não é um órgão de linha e em minha opinião não pode nem deve assumir-se como uma entidade que participa no debate das questões conjunturais ou que intervém na procura de soluções para os problemas do dia a dia. O Conselho deve ser um órgão de referência

e a sua agenda própria deve traduzir uma preocupação quanto às grandes questões que envolvem hoje o mundo da educação.

Foi nesta linha de actuação que escolhemos o tema para este Seminário - A Educação e a Comunicação Social. Numa fase da vida das sociedades modernas em que a Comunicação Social desempenha um papel cada vez mais interveniente e determinante dos comportamentos e das atitudes dos cidadãos, importa que a Educação analise o fenómeno em si e sobretudo se detenha nos factores que interferem com o processo educativo, potenciando e reforçando o papel da escola e do educador, ou pelo contrário, influenciando negativamente o processo de formação em particular dos jovens em idade escolar. Sentimos que esta matéria necessita de uma reflexão e de uma análise aprofundada, o que esperamos venha a ocorrer durante estes dois dias do nosso Seminário.

A fórmula adoptada para os trabalhos é em tudo semelhante à que introduzimos em 1992. Teremos três conferencistas - o Dr. Daniel Proença de Carvalho, o Eng<sup>o</sup> Roberto Carneiro e o Prof. Vidal Beneyto - havendo para cada conferência dois comentários que estarão a cargo, respectivamente, dos Dr. António Barreto e Dr. Pacheco Pereira, do Dr. Emídio Rangel e do Dr. Jorge Wemans e finalmente do Dr. Guilherme d'Oliveira Martins e do Eng<sup>o</sup> Charters de Azevedo. Os temas a abordar constituem um todo em que as principais tónicas vão incidir sobre o papel da comunicação social nas sociedades modernas, a relação entre a educação e a comunicação social e ainda a dimensão do processo educativo numa perspectiva europeia integrada. A finalizar, teremos um painel que abordará a questão essencial do papel da televisão no processo educativo, para o que vamos contar com o Prof. Rocha Trindade, que vai assumir as funções de coordenador e em que

participam a Prof.<sup>a</sup> Maria Emília Marques, a Dr.<sup>a</sup> Maria Emília Brederode Santos, a Dr.<sup>a</sup> Maria João Avilez, o Dr. Carlos Pinto Coelho e o Dr. Manuel Pinto.

Estamos muito satisfeitos e orgulhosos por termos tido resposta tão pronta aos convites que endereçámos a estas individualidades, pelo que gostaria desde já de agradecer a todos a sua participação que, estou certo, vai fazer com que os trabalhos do Seminário se revistam do maior interesse.

Gostaria de sublinhar, no entanto, que a grande receptividade que encontrei para esta iniciativa partiu frequentemente daqueles que, não obstante estarem fora do sistema educativo, demonstram grande sensibilidade para os problemas da educação. Em meu entender, esta atitude e este interesse por parte da comunicação social em relação aos problemas educativos, vem reforçar a nossa ideia de que a Educação não é uma questão exclusiva de professores, antes constitui uma questão central do País onde os professores são protagonistas, mas que é tarefa de todos os cidadãos. Temos que abandonar a ideia de que a educação é um problema do Governo e dos professores.

Finalmente, resta-me agradecer a todos os participantes terem aceite o nosso convite para participarem no Seminário. Espero que os trabalhos mereçam a V. atenção e o V. interesse e sobretudo que se sintam motivados para participar e intervir. O país tem uma grande necessidade de dialogar e de debater as grandes questões da educação. O tema escolhido tem certamente uma enorme importância na forma como a educação se deve organizar no futuro. Este será apenas um debate que o Conselho entende dever proporcionar, mas o seu sucesso, que depende seguramente das conferências, das apresentações e dos

comentários, depende ainda das intervenções de todos, o que eu não posso deixar de sublinhar e de incentivar. Neste aspecto gostaria de informar que, tal como no ano passado, todas as sessões serão gravadas, o que nos permitirá proceder à publicação das Actas com o relato integral de todas as intervenções.

Muito obrigado.

## **Mensagem de Sua Excelência o Presidente da República**

É-me impossível, por motivos de doença, estar presente, como era meu desejo, no Colóquio "A Educação e os Meios de Comunicação Social". Quero, no entanto, associar-me à sua realização, saudando todos os participantes e felicitando o Conselho Nacional de Educação por esta iniciativa tão interessante.

Como tenho repetidamente afirmado, a educação representa um desígnio nacional prioritário e uma condição essencial ao nosso desenvolvimento e modernização. Deve, por isso, ser assumida como tal por todos, Estado e sociedade civil.

Nas democracias modernas o papel da comunicação social é fundamental para o esclarecimento dos cidadãos, o debate plural das ideias e das opções, a mobilização das vontades.

A qualidade e o prestígio das personalidades convidadas para este Colóquio constitui uma garantia antecipada do seu interesse e da repercussão que vai ter.

Desejo os maiores êxitos aos vossos trabalhos, que irei seguir atentamente pela comunicação social, certo de que esta iniciativa dará um importante contributo ao debate nacional que urge aprofundar sobre este tema vital para o nosso futuro colectivo.

*Mário Soares*

## **Discurso de Sua Excelência o Secretário de Estado dos Ensinos Básico e Secundário**

Exmo. Senhor Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian  
Exmo. Senhor Presidente do Conselho Nacional de Educação  
Exmo. Senhor Secretário-Geral do Conselho Nacional de Educação  
Exmos. Senhores Membros da Mesa  
Exmos. Senhores Dirigentes do Ministério da Educação  
Minhas Senhoras e Meus Senhores

Em Setembro de 1993 mais de cem mil crianças iniciaram, entre nós, a sua educação escolar. Hoje, como há cinco, dez, vinte anos.

Todavia, só aparentemente é que tudo sucede de modo idêntico ao passado. O ritual é semelhante, as circunstâncias essas são muito diversas. E se há que destacar um elemento que caracterize esta diferença, ele é, sem dúvida, o de que as novas gerações transportam consigo, à entrada da escola, vários milhares de horas de formação promovida sobretudo pelos meios de comunicação social.

Embora, de modo desigual, tiveram acesso à televisão, ao vídeo, à rádio, ao disco, ao cinema, aos jornais e às revistas, à fotografia, à

publicidade, à banda desenhada, aos programas informáticos. O acesso e o usufruto destes media diversificou as ocasiões e os processos de aprendizagem e marcou as crianças, geralmente de modo significativo, no seu modo de ser, estar e de ver o mundo, as coisas, os outros e a si próprios.

Os meios de comunicação social proporcionam às crianças incontáveis horas de vivas emoções, de contínuas sensações visuais e sonoras, de viagens pelo imaginário, de pessoas, culturas e povos, os mais longínquos e os mais vizinhos, moldaram-nas pelo culto da intuição, do imediato, do ilógico, do fragmentado, da aparência, num ambiente informacional encantado com os media e com os seus mediadores.

Assim, os meios de comunicação social veiculam uma cultura emergente que valoriza o efémero, o momento, o prazer, o consumo acrítico de informação, que vai estruturando um modo de construir o pensamento, um modo de ver o mundo e de ser cidadão.

Desde o primeiro dia de aulas na nova escola, a da educação escolar, as crianças vão esbarrar com uma outra cultura, uma outra estruturação do pensamento, uma outra forma de abordar os acontecimentos, as coisas, as pessoas. Esbarram com a racionalidade, com a insistente chamada à análise, à dedução, ao discurso lógico, ao estabelecimento de relações, à organização e à síntese de conhecimentos. Nesta nova escola as crianças são chamadas a construir as próprias concepções e imagens sobre o real, a desenvolver a sua capacidade de construir significados e outros modos de apreender sentidos.

Esta tensão que se desenvolve entre aprendizagens e modos de estruturar o pensar, na sociedade da informação e das aprendizagens policêntricas, constitui um dos problemas nevrálgicos da cultura contemporânea. Não é adequado escamoteá-lo, nem será de modo nenhum correcto procurar ignorá-lo. Mais do que isto, é culturalmente fecundo que se mantenha acesa esta tensão porque isso quererá dizer, entre outras coisas, que a escola que se questiona no seu papel face a esta nova realidade e que, além disso, procura reestabelecer pontes com outros "locus" de aprendizagem e de cultura.

Na verdade, a educação escolar, sem deixar de considerar como pressuposto básico o facto de estarmos numa sociedade informal, complexa e policêntrica em termos educativos, deverá assumir, a par da família, o crucial papel de interrogar a comunicação/formação produzida pelos meios de comunicação social. Esta atitude é profundamente educativa e a sua concretização torna-se inadiável na agenda política da área da educação e do ensino.

Aqui radica, a nosso ver, o núcleo central da problemática da educação para os meios de comunicação social e para a comunicação. Porque educar para os media e para a comunicação não significa aprender a lidar com técnicas audiovisuais e de comunicação social, nem criar dispositivos de defesa contra a mensagem própria dos media. A educação escolar deve dirigir prioritariamente o seu esforço para: (a) transmitir os instrumentos de pensamento que condicionam a compreensão das mensagens; (b) integrar racionalmente os conhecimentos, promovendo sínteses críticas dos saberes adquiridos nos mais variados media; (c) fomentar uma compreensão crítica e uma utilização consciente da comunicação social; (d) sensibilizar para os riscos de dependência humana que os media e o seu consumo

desenfreado desenvolvem; (e) construir no quotidiano, uma autonomia pessoal que permita uma inserção crítica e criativa na cultura e na vida social contemporâneas.

A tarefa é vasta e complexa mas a educação escolar, em diálogo com os mediadores sociais de informação e de conhecimento, não pode recusar cooperar na prestação deste serviço cultural fundamental ao homem contemporâneo. Educar para uma cidadania activa e responsável e para a construção de sentidos para a existência, são reptos que a escola não pode endossar, sobretudo nesta época em que a imensa maioria dos cidadãos está como que silenciada, atenta e estupefacta, enquanto uma pequena minoria se expressa e fala a todos e em todo o momento.

Pois, se é verdade que os media não são espelhos que reflectem a realidade, mas representações como quaisquer outras dessa mesma realidade, se é verdade que o que os media não dizem é sempre mais do que aquilo que dizem e que disto é preciso estarmos conscientes, também é verdade que os ouvintes, espectadores ou leitores são construtores de significado diante de qualquer mensagem ou leitura mediática. É exactamente aqui que a educação escolar, em vez de se envolver em querelas contra ou acerca dos pecados originais dos media e com outro tempo e outros paradigmas de aprendizagem e de desenvolvimento humano, encontra outra forte motivação para habilitar os cidadãos com um conjunto de competências que viabilizem o desenvolvimento de leituras polifacetadas, ricas, carregadas de construções pessoais, competências que vão reduzindo o fosso que persiste entre os sujeitos da comunicação uns poucos, e os objectos da comunicação, quase todos.

Minhas Senhoras

Meus Senhores

O Ministério da Educação, consciente do seu papel, aqui brevemente enquadrado, tem vindo a promover um conjunto de incentivos, apoios e iniciativas que representam sobretudo a preocupação em agarrar esta problemática tão actual, em a reflectir e em apoiar as organizações escolares na construção, lenta sem dúvida, de um currículo educativo que, conscientemente, promova a educação para os media e para a comunicação.

Refiro por exemplo: as Semanas Nacionais dos Media na Escola; o apoio à realização dos concursos anuais de jornais escolares; a criação de centros regionais de recursos junto das Direcções Regionais de Educação; o lançamento do programa de Iniciação ao Cinema e ao Audiovisual, que equipou 500 escolas com videogramas da cinematografia universal e promoveu a formação de professores; o 1º Festival de Video Escolar, realizado este ano; os Encontros e Seminários sobre a Educação e os Media promovidos pela Oficina Pedagógica do IIE e ainda as suas publicações de apoio aos professores; a criação de cursos tecnológicos de Comunicação, onde estão inscritos centenas de jovens do ensino secundário; a introdução de disciplinas de Educação para a Comunicação Social em vários cursos de formação inicial de professores; o apoio financeiro a muitos projectos educativos de escola, na área de educação para os media e para a comunicação, através do Sistema de Incentivos à Qualidade na Educação; o apoio ao estudo sobre "A violência e os meios de comunicação social", de iniciativa da Alta Autoridade para a Comunicação Social.

O rol das iniciativas e dos incentivos é significativo, mas é preciso ir mais além e esboçar uma acção mais concertada entre os vários intervenientes, entre os vários "locus" sociais de aprendizagem, desde o nível dos serviços centrais até cada escola. O nosso nível objectivo central será sempre, quaisquer que sejam as acções e os intervenientes, enriquecer o currículo escolar e o conjunto das actividades educativas de cada escola.

Neste sentido e para estabelecer as bases de uma política mais coordenada, o Ministério da Educação solicitou à Universidade do Minho - Centro de Formação de Professores e Educadores de Infância - um estudo sobre a Escola e a Comunicação Social em que se esboçasse uma análise aprofundada da situação nacional e se propusessem as acções a empreender.

O relatório foi concluído e entregue. Trata-se de um documento de grande qualidade e rigor, pleno de sugestões de acção para os professores e para a política do ME, elaborado sob coordenação do Dr. Manuel Pinto.

Com este novo e indispensável suporte será viável estabelecer a médio prazo a programação nacional de uma política concertada de educação para os meios de comunicação social e para a comunicação. Ela poderá estruturar-se em torno de cinco eixos principais: formação inicial e formação contínua de professores, com especial destaque para os Centros de Formação de Professores; estabelecimento de um conjunto de condições e de incentivos ao desenvolvimento de projectos educativos de escola com ênfase para a aprendizagem da comunicação, bem como de apoio a iniciativas inovadoras de outras entidades; formento de parcerias com diversas organizações sociais tendo em vista

o reforço social e cultural da educação para os media e para a comunicação; alargamento do apoio à constituição de Centros de Recursos Educativos em interligação com a acção dos Centros de Formação resultantes da Associação de Escolas e subordinadas à existência de projectos educativos e seus objectivos pedagógicos; finalmente, alargamento das oportunidades de formação para os jovens, cursos e opções, na área da Comunicação.

Estamos certos de que o envolvimento das escolas, a participação activa dos alunos e dos professores, a colaboração das Associações de Pais e a acção de outras instituições sociais e o apoio mais consistente do Ministério da Educação, poderão criar novas condições para questionar uma incomunicação crescente e desenvolver novos rumos para a comunicação entre os homens, tornando-os mais aptos a serem produtores de comunicação, ou seja, mais aptos a conviver uns com os outros.

Muito obrigado.